

23 JUL 1989

Economia tem bons e maus índices em 89

Superávit comercial e desemprego se confundem com inflação e queda da produção

MARIA APARECIDA DAMASCO

O desempenho da economia brasileira no primeiro semestre não pode ser classificado com um único adjetivo. Conforme o ângulo de visão, foi bom ou ruim — e nenhuma das afirmações está errada. A crise avançou, a hiperinflação chega à porta, o setor público está falido e a indústria ainda não recuperou os níveis de produção do ano passado. Em contrapartida, o desemprego caiu, os salários mal ou bem acompanham a inflação, a balança comercial bate recordes sucessivos e as empresas continuam ganhando dinheiro (ver gráfico).

“Os indicadores mostram que a economia está numa situação melhor do que no ano passado, apesar das grandes dificuldades”, repetiu o ministro Mailson da Nóbrega aos quatro grupos de empresários com os quais se encontrou, de segunda a quin-

ta-feira da semana passada, para tentar desfazer o clima de pessimismo espalhado pelo País. “Os problemas ainda não foram equacionados, mas não é nenhum desastre”, confirma um de seus principais assessores, Michal Gartenkraut. Ele atribui a atual sinistrose principalmente ao “desvio” ocorrido em maio na política monetária. “O Banco Central subestimou a inflação e errou a mão na política de juros”, avalia Gartenkraut. Com isso, jogou os preços ainda mais para cima.

A inflação saiu do Plano Verão com vigor redobrado. A taxa mensal passou de 9,94% em maio para 24,83% em junho — o que corresponde, em taxas anualizadas, a um assustador salto de 212% para 1.332%. E, no início de julho, já se falava em taxas de 30%, 35% e daí para cima. A estimativa do IBGE para julho — abaixo de 30% — conseguiu desanuviar um pouco o quadro. Mailson acredita que a reindexação com base no BTN, mais o aperto na política fiscal e monetária, poderá evitar o estouro da inflação.



Mônica Varella/AE - 21/6/89

Mailson admite dificuldades, mas garante: “Situação melhorou”

O setor público, de fato, vai muito mal, apesar dos sinais de maior controle das contas do Tesouro. A obediência estrita à norma de “só gastar o que se arrecada” produziu um superávit primário (sem contar os gastos financeiros) de NCz\$ 574 milhões no semestre, em confronto com um déficit de NCz\$ 2,5 bilhões no mesmo período do ano passado. É visível, porém, que não dá para contar com qualquer contribuição das empresas públicas a uma nova rodada de crescimento: estatais do porte da Petrobrás e da CSN não conseguem dinheiro para investir nem mesmo para manter as contas em dia.

O setor privado, porém, vai bem. As vendas do comércio es-touraram em março e abril e a produção industrial começou a reagir em maio. Mais que isso, as empresas e os bancos exibem bons resultados, nos balanços que começam a ser divulgados. Os trabalhadores também não enfrentaram muitos problemas durante o período. De janeiro a maio, os salários médios na indústria paulista estiveram quase sempre acima dos níveis registrados durante o ano passado e as taxas de desemprego continuaram em queda.

□ Mais notícias sobre o desempenho da economia no primeiro semestre nas páginas 4 e 5